

Ano XVIII / N.º 732
De 21 de Outubro
a 3 de Novembro de 1998
320\$00
(IVA incluído)
Quinzenário
Director
José Carlos
de Vasconcelos

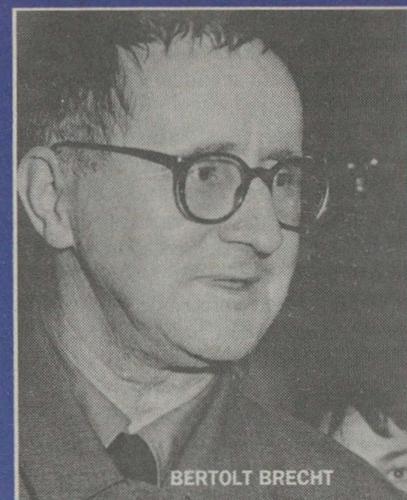
JL

JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

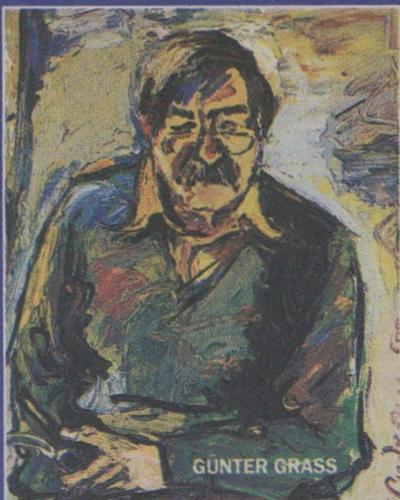
A SAGRAÇÃO DE SARAMAGO



FOTO DE MANUEL DE ALMEIDA/LUSA



BERTOLT BRECHT



GÜNTER GRASS

DIVERSIDADE DAS LETRAS

CULTURA ALEMÃ

Caderno
de 32
páginas

JOSÉ SARAMAGO/NOBEL 98

Foi na terça-feira, 13, que José Saramago, vindo de Lanzarote, regressou a Portugal ou aqui chegou pela primeira vez nobilitado. Mas seria no dia seguinte, no CCB (ver Comentário, pág. 2), que a comoção e o júbilo se expressaram com maior ênfase. Numa sessão inesquecível, promovida pelo Ministério da Cultura, a deixar o escritor (como o JL previra na edição extra do dia 14, que lhe foi inteiramente dedicada) surpreso com o imenso obrigado português pelo Prémio.

Na véspera, a sessão fora na CML, com João Soares a entregar ao escritor as chaves da cidade, enquanto o Ministério da Educação tomara duas decisões: dava o nome de José Saramago à Escola Secundária de Mafra e fazia do 8 de Outubro (data da atribuição do Nobel) o Dia da Língua Portuguesa.

Mas na quarta-feira, se no CCB foi o que se viu, com o primeiro-ministro a presidir, o dia fora todo ele intenso para Saramago. Na Presidência da República, Jorge Sampaio atribuiu-lhe o Grande Colar da Ordem de Sant'Iago da Espada e anunciava estar presente no dia 10, em Estocolmo, na cerimónia solene do Nobel. Depois, o escritor revisitara o Diário de Notícias, de que fora director-adjunto entre 9 de Abril e 25 de Novembro de 75, seguira para as instalações do PCP e teria tempo para, ainda antes de chegar ao CCB, falar aos trabalhadores da CGTP reunidos na Praça do Comércio. Se em Belém (Presidência da República e CCB) recebera as homenagens nacionais, junto dos camaradas de partido e dos sindicalistas, reafirmara a sua opção política. Acentuando que não foi preciso deixar de ser comunista para ganhar o Nobel, se fosse preciso nunca o teria querido receber.

O dia de quinta-feira, 15, foi marcado pela inauguração da exposição sobre José Saramago na Biblioteca Nacional (de que o escritor fora na véspera designado leitor emérito pelo director Carlos Reis). E na sexta-feira, 16, seguiria para o Porto, aonde, mesmo antes do Nobel, já estava previsto participar no Encontro de Literaturas Ibero-Americanas, promovido pelo Instituto Camões (ver página 2). Só que entre o previsto e o realizado, acontecera o Nobel, o que transformou por completo o fim-de-semana de Saramago no Porto. Destaque-se neste particular, para a sessão de homenagem da Câmara, com Fernando Gomes a fazer do escritor filho adoptivo da cidade, cabendo a Eduardo Prado Coelho (ver texto ao lado) saudar-lhe a obra e a vida. Destaque ainda para a visita de surpresa à Metalúrgica Secca, cujos trabalhadores, em abaixo assinado, lhe tinham enviado uma saudação pelo Nobel.

Saramago que, na véspera, não participara na manifestação pró-cubana, apareceria, no dia seguinte, no comício de Matosinhos, ao lado de Fidel. Para, em duas ou três palavras («O Prémio Nobel da Literatura 1998 está ao lado da revolução cubana») sintetizar mais uma vez o seu posicionamento ideológico. Como — sucessivamente — foi reafirmando neste «regresso» a Portugal que, num certo sentido, nunca de cá saíra. «Onde eu estou está o meu país» — disse — afirmando que o seu portuguesismo «pede meças» aos dos demais portugueses.



FOTO DE CARLOS TAVARES

Um reino de palavras

EDUARDO PRADO COELHO

Há instantes que cortam como diamantes. E nós ficamos atónitos a tentar repetir o momento do corte — incapaz de compreender como era antes agora que passámos para o lado do depois. Desde há uma semana que recordo o grito e o gesto de vitória de Francisco José Viegas, a meu lado, no stand português de Frankfurt, quando, de telemóvel na mão, comunicava com uma rádio de Lisboa. E logo a seguir o eco de aplausos e vozes de festa que nos chegavam doutro ponto da Feira. E recordo ainda a corrida louca para o aeroporto e o abraço de parabéns, e a seguir a falta de palavras, essa espécie de emparvecimento generalizado que se apossa de nós quando as coisas são manifestamente maiores do que nós somos. Permitam-me uma confidência: do ponto de vista estritamente intelectual, sei, como Saramago sabe, e o tem dito repetidas vezes, que outros escritores de língua portuguesa mereceram ontem ou poderiam ter merecido hoje, uma distinção deste tipo. Mas não creio que, no plano puramente humano, que é obviamente o mais ingénuo e mais puro, eu pudesse sentir uma alegria tão espontânea e tão verdadeira como a que tive quando soube do Prémio atribuído a Saramago. Há para isso uma série de razões, algumas releváveis, e outras que pertencem a uma esfera mais íntima que não saberia nem desejaria explicar neste momento. Mas creio que no fundo não sou nesse plano muito diferente da esmagadora maioria dos portugueses.

Tem sido afirmado, e julgo que é indismutável, que nenhum outro premiado suscitaria um tão grande e expansivo entusiasmo no espaço de língua portuguesa: Saramago é uma referência em todos os planos para os escritores que em África escrevem a nossa língua, Saramago é para os brasileiros um autor no qual eles se reconhecem como reconhecem em Vieira, Eça ou Pessoa.

Por outro lado, como Saramago sublinhou ainda anteontem no Centro Cultural de Belém, talvez não houvesse a sensação de que o escritor A ou o escritor B já deveriam ter tido o Nobel, mas havia sem dúvida a ideia de que um escritor de língua portuguesa o merecia desde há muito. Daí este movimento de alegria (em que a Espanha também se incorporou, e agrada-me que assim tinha sido): «nós» tivemos o prémio que devíamos ter.

Isto disse Saramago. O que ele já não podia dizer é o que «nós» pensamos: que ninguém melhor do que ele podia ser o «nós» que nós somos. E só assim se explica o sentimento que pudemos ter (refiro-me àqueles que estiveram em Frankfurt) ao regressar a Portugal: não foi que a literatura tivesse caído à rua, foi que a literatura tinha subido à rua.

Podemos às vezes pensar que a literatura se vai converter numa coisa do passado, destrocada pela voragem das imagens precipitadas, massacrada pelo clamor eufórico das novas tecnologias, em que o livro, e o silêncio à volta do livro, e a luz desse silêncio, e o murmúrio em nós dessa voz silenciosa, ten-

deriam a ser substituídos por uma espécie de algazarra comunicativa em que nada fica de comum naquilo que se comunica. Podemos cair nessa espécie de pessimismo, e temos razão nisso — aliás, Saramago tem sido um dos mais perseverantes na denúncia desses perigos. E, no entanto, o milagre acontece: é possível, como anteontem aconteceu em Lisboa, que uma sala se levante em palmas quando alguém diz que se não pode viver dignamente sem a força das palmas. É possível, como se viu nesta semana, que um país se levante em alegria porque alguém ganhou um prémio de literatura. É possível que um escritor invente uma energia nova para a palavra «levantar». E é possível que durante alguns dias a literatura tenha, como disse, subido à rua. Mas Saramago deu-nos a explicação: há momentos em que tudo parece possível; este é um desses. Sabemos bem que se trata de uma quimera. Mas a vida não faria sentido sem momentos destes: como toda a obra de Saramago prova, o «não» de uma ficção, inventada pelo obscuro e insubmisso gesto de um revisor, deverá sempre ser mais forte do que o «sim» de qualquer realidade pragmática.

Recordo de novo o instante mágico de Frankfurt: o que dele é antes e o que dele foi o depois: como se desde sempre Saramago tivesse sido o Prémio Nobel que hoje é. Como se a justiça tivesse começado no princípio do mundo — ela, a justiça futura.

Falemos então do escritor Saramago. Do modo como soube implantar um reino de palavras

JOSÉ SARAMAGO/NOBEL 98

onde hoje entramos como na nossa casa — sem que por isso se dissipe o crepitar das trevas e rumores que envolvem as velhas casas. Do modo como essa casa íntima e desconhecida muda de cor como os olhos de Blimunda de livro para livro. Há escritores que escavam obstinadamente a terra de um território. Outros inventam, como Saramago, uma construção de sucessivos patamares onde tudo o que parece diferente repete noutra lugar a nemória obsessiva do lugar em que se ergueu. Assim, cada livro de Saramago dá um salto no desconhecido. A razão é simples, e para ela apontarei duas causas: poucos escritores são capazes de arranjar de ideias romanescas tão fortes, tão intensas, tão pregnantas. E poucos escritores têm este extraordinário dom de saber dar o título certo para as ideias de que partem. Nunca sabemos em que patamar do mundo iremos descobrir o próximo romance de Saramago — nem ele sabe, estou certo. E, no entanto, gostaria de sublinhar, isso não significa que não existam, bem pelo contrário, temas constantes e insistentes na obra de Saramago. Isto é, eixos estruturantes nesta ficção das ficções.

Apenas como exemplos, gostaria de evocar alguns. Em *Levantado do Chão*, no dia «levantado o principal» da última página, todos são convocados, e «vão todos, os vivos e os mortos», mas e, *Todos os Nomes*, o mais recente livro de Saramago, o tema central é precisamente esse: manipulando «os papéis da vida e da morte», os alucinados deuses burocratas da Conservatório Geral da Vida vão abrindo as frestas por onde a fronteira se afrouxa ou mesmo se apaga. Não há antes nem depois: vivos e mortos confundem-se na mesma apoteose de ser, ter sido e vir a ser. Não conheço, ordem das utopias, utopia mais alta.

E que faz Blimunda, essa criação extraordinária de Saramago? Olha os seres por dentro — como só uma mulher o sabia fazer. E, no entanto, na relação de amor há um tema que é certamente uma das marcas mais profundas da obra de Saramago. Falo da promessa de Blimunda em relação ao amado: «Nunca te olharei por dentro». Este tema poderá ser designado como uma cercadura de pudor com que Saramago assinala o respeito que o outro suscita em nós (o que explica muito das cautelas e ironias da sua sintaxe, essa cadência aveludada das palavras sempre ousadas e reticentes). Pode o médico de *Ensaio sobre a Cegueira* olhar os olhos e desejar nos olhos entrever a alma. Mas há nesse avançar no desconhecido um momento de pausa e retraimento que é a marca de reverência em relação ao outro: só assim o outro é verdadeiramente o outro na sua glória, distância e dignidade. Só assim o amor é possível e a compaixão silenciosa. Só assim o cão das lágrimas enxuga as lágrimas do sofrimento. Por isso escreve Saramago no seu romance: «O médico só disse, se eu voltar a ter olhos olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma. A alma, perguntou o velho da venda preta, Ou o espírito, o nome pouco importa, foi então que, surpreendentemente, se tivermos em conta que se trata de pessoa que não passou por estudos adiantados, a rapariga dos óculos escuros, disse, Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos».

E isto poderia servir-me para entrar no terceiro tema. Tem-se repetido que Saramago é um escritor que se interessa pelos seres mais modestos. Isto é verdade, José, mas gostaria de ir mais longe na análise das coisas. Saramago pertence a uma geração que teve um ideal político: convém dizê-lo, é um escritor que é também um comunista. E, por isso, é natural que a sua obra tenha adversários. Não é só natural, é

positivo, é legítimo, é saudável, é justo. Adversários que devem aceitar, por um princípio de tolerância, a grandeza de um prémio, mas podem e devem dizer tudo o que os afasta dessa obra. Não tenhamos a ilusão de que a literatura deva ser uma sublimação generalizada. Se há algo de político numa obra, isso faz que a obra partilhe com a política a sua condição essencial: traçar uma linha de fronteira entre amigos e inimigos.

Mas aquilo que estruturou o núcleo do projecto comunista não resistiu à prova da história: a ideia de um sujeito que, considerando o proletariado como o actor social que nada tinha a perder, o tornava portador de todas as virtudes, e em especial da virtude de resgatar, desalienando-a, a humanidade inteira. Aquilo que se desloca surdamente na obra de Saramago é a consciência de que hoje se não pode já apoiar no conceito de um sujeito privilegiado, mas, sim, noutras modalidades de pensar a base da revolta possível. O que a obra de Saramago nos mostra é que é preciso ir ao encontro dos seres humanos para lá de uma ideia abstracta de universalidade, em nome do qual muitos crimes se cometeram, ou para lá da ideia de que cada um tem algo de único e de indizível, e que passa pelo peso maternal do seu nome (e nisso se esgotaram muitas revoltas sem futuro). É preciso procurar nos homens e mulheres o lugar em que eles se tornam não-sujeitos da história, porque submetidos à exclusão radical das novas formas de pobreza ou desenraizamento, ou então, na arena ruidosa das nossas democracias, sujeitos evaporados de si mesmos (e a metáfora da cegueira não dizia outra coisa). É aqui, neste toar com o dedo a humanidade nua, nesse desvendar que somos a partir dessa coisa que em nós já não tem nome, que conseguimos alcançar, seguindo os livros de Saramago, a linha rasa de uma humanidade futura, essa jangada de uma humanidade de harmonia e esperança que sobrevive à flor do mar.

Disse-me um dia que a literatura é uma promessa de felicidade. Acrescentarei que é por isso mesmo que ela é política: porque se impacienta com a promessa adiada. E isso nós aprendemos numa daquelas cenas admiráveis com que Saramago finta nos seus livros os riscos de um alegorismo excessivo. Na História do Cerco de Lisboa, Raimundo Silva envia rosas a Maria Sara. E podemos ler: «Raimundo Silva lançou-se sobre o telefone, num segundo de dúvida pensou, E se não é ela, era ela, Maria Sara, que lhe dizia, Não o devia er feito, Porquê, pensou ele, desconcertado, Porque a partir de hoje não poderei receber rosas todos os dias, Nunca lha faltarei com elas, Não me refiro a rosas rosas. Então, Ninguém deveria poder dar menos do que deu alguma vez, não se dão rosas hoje para dar um deserto amanhã».

Escrever é prometer — e por isso uma imensa responsabilidade: rosas hoje, rosas amanhã. É possível que o escritor acompanhe a promessa que floriu nas palavras por ele escritas. Nisso Saramago nunca nos desiludiu. E, se me permitem aflorar aqui uma daquelas razões inconfessáveis a que no início aludi, eu diria que este Prémio me alegra não apenas porque a obra de Saramago é uma promessa de felicidade, mas porque a vida de Saramago, o que delas sabemos e o que dela em poudor se esconde, é para todos nós uma promessa de felicidade. Como se ela própria se tivesse tornado o esplendor de uma ficção vivida.

* Este texto (cujo título é da responsabilidade do JL) tem como base a intervenção do autor na sessão solene de homenagem a José Saramago na Câmara Municipal do Porto.

UM ABRAÇO DO CORAÇÃO

Meu caro José Saramago: agora que mais nenhum prémio te será dado, e que a tua festa do Nobel ainda retumba no meu coração ressentido, desejo falar-te da imensa tranquilidade da minha consciência a teu respeito. Tu sabes que nem sempre os que estão perto são os mais verdadeiros. A distância é boa conselheira. Tu, antes, em Lanzarote ou por esse mundo aéreo fora, e eu aqui em Lisboa. Tu, há dias, em Frankfurt e depois em Lisboa, e eu correndo ilhas em Cabo Verde: mas imagina tu tanta gente a sorrir, a dar-me a mim os parabéns pelo teu Nobel português, como se de algum modo o prémio de um fosse também o de muitos de nós, escritores portugueses. Não podes calcular como me orgulhou o facto de, lá tão longe, estar afinal tão próximo de ti, o que de resto aconteceu ao longo de todos estes anos de ausência. Amigo, leitor e dentro de algumas das tuas causas, como sabes.

É facto que te tenho por merecedor absoluto deste Nobel. Escreveste livros únicos, renovaste o romance português e europeu deste fim de século, és um homem que preza sobretudo a virtude da honra (tal como eu, se me permites). Mas é aí que em parte começa o ressentimento do meu coração. Há pelo menos dois livros teus que eu tinha a estrita obrigação de ter escrito: o *Memorial* e o *Evangelho*. O primeiro, porque foi sempre o romance da minha esperança de romancista; o segundo, porque ainda hoje se agitam em mim os ventos e as brisas de uma mitologia literária que educou e perdeu Antero de Quental e que também não há maneira de se afastar de mim. Foi por isso que recebi o teu Nobel com tanta alegria e com tanta naturalidade. Por ti e por todos nós. Se dizem que ele nos era devido, porque não limitarmo-nos a vivê-lo sem ter de o agradecer? Agradeço-te eu a ti teres posto a nossa Literatura na História de Portugal e nos olhos do mundo. Um abraço do coração.

JOÃO DE MELO

OBRIGADA, PILAR



Dirigia-me de táxi para o aeroporto de Orly quando ouvi na rádio a notícia de que o Prémio Nobel da Literatura tinha sido dado ao José Saramago. Dei um salto acompanhado de um grito de alegria e apertei com força a mão do Pedro. Ficámos, a partir desse momento, com um grande desejo de chegar a Lisboa, em estado de euforia e comoção.

Dia 14 lá estive eu no Centro Cultural de Belém (CCB), depois de quase duas horas numa fila de espera, para arranjar lugar. O ambiente estava carregado de uma energia tão forte que o Saramago, no palco, ficava esmagado em palmas, em gritos, em palavras, em admiração e amor. No meio daquele entusiasmo, emocionada até às lágrimas, recordei o ano de 1980 quando, pela voz de Luís Filipe Costa, ouvi na Antena 2 falar na minha exposição (a primeira que fiz em Lisboa, na S.N.B.A), num programa em que se falou muito do *Levantado do Chão* de José Saramago. Nunca mais esqueci essa feliz coincidência.

Mais tarde, já em 1997, o José pediu-me para fazer ilustrações para o seu livro de poemas *O Ano de 1993*, que a Caminho reeditou. Aceitei logo com entusiasmo, embora com receio de não ser capaz de estar à altura. Foram tempos de encontros, de conversas estimulantes e criativas. O livro ficou bonito mas hoje faria tudo de outra maneira.

Quando terminou a cerimónia no CCB, José Saramago deixou o palco e eu decidi que tinha, apesar da multidão, de lhe dar um abraço. Assisti então a um momento sagrado: o José, pálido e a tremer de tanta emoção, dirigiu-se para a mulher e abraçou-a com tal intensidade e serenidade que durante segundos, minutos?, aquele homem e aquela mulher foram um só corpo e uma só alma. Consegui dizer baixinho: Obrigada, José, pelo que ofereces ao Mundo nos teus livros, e pelo amor que dedicas a esta mulher. Que vivas muitos anos e que possas continuar a fazê-lo com paixão. Obrigada, Pilar, pelo bem que fazes ao nosso José Saramago.

GRAÇA MORAIS

A ACADEMIA ACERTOU

Quando cheguei a Frankfurt havia uma mágoa pelo facto do embaixador não estar presente e por o Estado Português não ter enviado ninguém para trazer José Saramago directamente para Portugal. Depois, houve várias iniciativas, mais ou menos descoordenadas, como normalmente acontece em Portugal. Todos quiseram ganhar o Nobel por Saramago, mesmo aqueles que não queriam que Saramago tivesse ganho. Na Câmara de Lisboa, Saramago foi recebido com grande entusiasmo e calor humano. Isso, concerteza, é mais importante para ele do que as reacções oficiais.

Não é o Nobel que faz uma literatura grande. Mas, como é evidente, a sua atribuição chama a atenção para a literatura portuguesa. Houve prémios Nobel muito mal atribuídos, e grandes escritores que nunca o receberam. Mas, desta vez, penso que a Academia acertou, porque Saramago é um grande escritor.

Quanto à velha questão de Espanha, penso que é expressão de mesquinhez e insegurança. Não temos de nos queixar de Espanha, que sabe zelar pelos seus, mas sim de nós próprios, que muitas vezes não o sabemos fazer.

MANUEL ALEGRE

JOSÉ SARAMAGO/PRÉMIO NOBEL 98

Um homem tranquilo

MÁRIO DE CARVALHO

F“Fala com o Saramago”, disseram-me. E eu, com um endereço na mão fui procurar o Saramago, num edifício em que ele trabalhava não longe das Amoreiras. Recebeu-me num corredor forrado de cortice um tanto para o escuro. Tratava-se, acho eu, de preparar uma reunião alargada de escritores comunistas. Foi cortês, rápido, despachado. Poucas palavras, andar decidido (interrompeu a conversa umas poucas de vezes para ir tratar não sei de quê) um ligeiríssimo tardar na voz. Alguma surpresa tácita por lhe ter sido enviado um funcionário tão jovem e sem renome. Acontecia-me quase sempre. À espera de um Carlos Brito, ou de um Octávio Pato, os meus “controlados” deviam interrogar-se, lá no íntimo, porque é que o Partido lhes enviava um puto meio aéreo, pouco dado às questões literárias e habituado a raciocinar por silogismos.

Ficou combinado já nem sei o quê. Aperto de mão e até depois. E se não foi exactamente assim e se a minha malfadada memória arruma mal as coisas, também não andou longe disto. Aliás, não tem grande importância. Naquele sombrio corredor não se passou nada de especialmente relevante para a História de Portugal. Para a da Literatura Portuguesa ainda menos.

O facto é que eu escassamente sabia quem era o Saramago e nisto estava largamente acompanhado. Uns comentários literários na “Seara Nova” (às vezes azedotes), um livro de poemas que mereceu o sarcasmo dum então novel crítico literário (não reincidente) e umas crónicas algures que nem assim, nem assado.

Estávamos em 1974, o mundo tinha-se posto a girar muito depressa, toda a gente precisava de correr a mata-cavalos para aguentar o passo do mundo. As reuniões sucediam-se, ensarilhadas umas nas outras, até altas horas da noite. Na altura, era vergonha um tipo deitar-se cedo. Ao levantar-se, no dia seguinte sentiria o remorso de ter perdido 136 eventos decisivos. E os escritores tinham todos uma grande queda para a política e o gosto de discussões circulares de palavrepega-palavra, a ver quem é que lhe dava mais. Nesses tempos escrevia-se pouco. E a literatura escrita que faltava compensava-se ali na oralidade (poderei dizer “na oratura”?) de fogosas reuniões.

Chegava a ser divertido e eu sentia-me um privilegiado. Nunca conheci o Partido dos comissários políticos, mas admito que o tenha havido, em qualquer esconso distante, ou numa cave obscura, já que falam tanto nisso. Ali, que eu saiba, não. Era Althusser para diante, Lenine não sei quê, e um paciente Eduardo Prado Coelho (castigador indómito das entropias) a querer que se teorizasse e a tentar pôr um bocado de ordem naquilo. Um dia hei-de relatar como o Manuel da Fonseca dava cabo das reuniões a contar histórias. Mas hoje é do Saramago.

Era difícil não reparar na extrema elegância de linguagem, na capacidade de réplica, e no comprazimento com as palavras por parte de José Saramago. Recordo-me de estar de lápis na mão, a fazer de conta que olhava para ontem e a pensar, depois duma interpelação qualquer: “Vamos lá a ver como é que ele se safá desta”. E habitualmente safava-se. Abria aquele sorriso que hoje todos lhe conhecem, tartamudeava um bocadinho e lá lhe saía o repentismo. Eu que sempre fui um repentista-do-dia-seguinte não podia deixar de admirar e de invejar uma arte de dizer

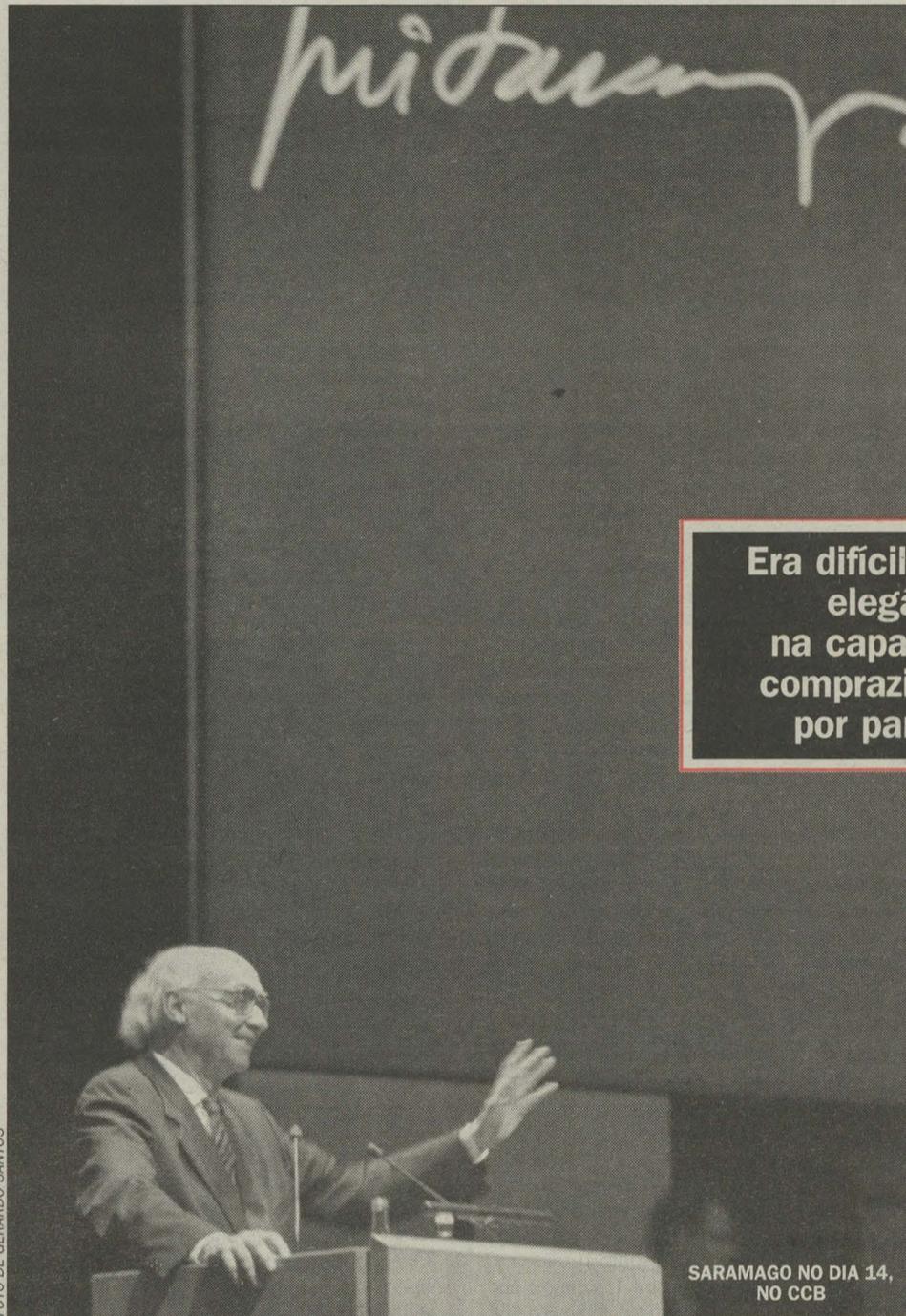


FOTO DE GERARDO SANTOS

SARAMAGO NO DIA 14, NO CCB

que me parecia coisa de feiticeiro. E ainda por cima, num português impecável, capaz de ser logo posto em papel.

Uma noite, Saramago apareceu com a barba a assomar e alguém atirou um comentário qualquer. “Estou só a fazer a minha pose de revolucionário fatigado...” respondeu ele. Acho que esta era comigo. Naquela noite devo ter exagerado nos bocejos.

Depois veio o “Manual de Pintura e Caligrafia”. Não entusiasmos ninguém. Julgo ter percebido, então, o quanto aquele livro era importante para José Saramago e a incomodidade por que deve ter passado perante apreciações mais ou menos evasivas ou condescendentes. Tinha apostado muito forte. Creio que ainda hoje valoriza muito o “Manual...”. Mas nas opiniões então dominantes, que, no essencial me parecem acertadas, não era ainda o romance de um grande escritor. Não tinha sido desta...

José Saramago foi para o “Diário de Notícias”, perdemos o contacto, vieram anos sobre anos, a vida e as suas trapalhadas, e ele publica o “Levantado do Chão”. Um deslumbramento. A seguir, o “Memorial”. Outro. E o mais que se sabe e se louva.

Aí pelos anos 80, andava por Lisboa um escritor tirocinante, desconfiado e inseguro a quem calhava frequentar a “Varina da Madragoa”. Conhecia o José Saramago de umas reuniões políticas, anos atrás, mas não era caso para abusos. Via-o chegar e sentar-se, ora sozinho ora com Isabel da Nóbrega, havia uma troca breve de saudações, e cada qual no seu lugar, e com quem estava. O escritor aprendiz tinha muito a consciência de que havia uma diferença de estatutos: ele a começar aos tropeços, cheio de medos. O outro já célebre e festejado. Acrescia que, se um era tímido, o outro era nada dado a efusões. Uma altivez distante, de cabeça levantada (às vezes uma sombra no olhar...) que não parecia encorajar aproximações. E assim se foram vendo e ao de longe cumprimentando.

Um belo dia, parte de Saramago um convite para almoçarem juntos. O jovem escritor teve ocasião de saber muita coisa (as circunstâncias dilacerantes que muito magoaram Saramago e acabaram - Deus a escrever direito por tortas linhas... - no exílio do Lavre e no “Levantado do Chão”); teve o privilégio de ouvir em primeira mão, muito à pureza (segredo religiosamente respeitado) o plano d’ “A Jangada de Pedra”, mas teve

sobretudo oportunidade de confiar todas as suas dúvidas, apreensões e receios (valeria a pena continuar a escrever? Aquilo que escrevia teria alguma qualidade, ou seria um divertimento passageiro e digestivo?) e de receber em troca gratas palavras amigas de encorajamento. Sem nenhuma condescendência, mas com uma franqueza leal e fraterna.

Foi talvez a lembrança desses momentos que levou o escritor mais jovem, uma madrugada, a acordar José Saramago pelas duas da matina. Estava desesperado. Acabava de publicar um livro que tinha uma gralha em cada linha. Coisas gravíssimas. A “errata” final mal dava conta do desvario que aquilo era. “Retiro o livro?” “Que é que eu faço?” “Que é que eu faço?”. Coisa que se faça não é de certeza acordar um cidadão às tantas da matina, para carpir mágoas próprias. Mas a resposta de José Saramago foi tão solidá-

Era difícil não reparar na extrema elegância de linguagem, na capacidade de réplica, e no comprazimento com as palavras por parte de José Saramago

ria, tão compreensiva, que só depois o escritor novo se compenetrava de que tinha cometido um grande abuso e lhe ficava a dever mais esse momento de apreço e de camaradagem.

Oestupor do tempo não para de passar. Vieram as ocasiões sociais. Algum formalismo. Livros enviados e recebidos. Um cartãozinho. Duas linhas. Encontros fugazes, mais ou menos mundanos, nos sítios mais esquisitos. Conversa de circunstância. Participações em “eventos”.

Continua a ser uma delícia (e com o tempo cada vez mais requintada) ouvir Saramago a expor, mesmo quando não tem razão, ou tem razão a mais, que é uma forma de não ter razão. Já por duas vezes lho disse, não por delicadeza, mas porque, sinceramente admiro a forma como ele se exprime. Um dia um jornalista confiou-me que ele era um das pessoas mais fáceis de entrevistar. Bastava transcrever a fala para o papel, tal qual. Não havia bordões de linguagem, nem hesitações, as frases saíam-lhe escorreitas, em bom português, com vocabulário próprio (não o básico) e gramática completa. Mais um dom. O tal que eu já começara a admirar 25 anos antes, em reuniões cheias de fumo.

Resisti um bocado a escrever estas linhas. E ter-me-ia escapado, se não fosse a insistência, de certo modo firme, de quem me encomendou a prosa. Neste momento de euforia, abençoada euforia, toda a gente tem coisas para dizer. Em alguns casos vem-me ao espírito aquela expressão brasileira do “papagaio do pirata”. Sabem o que são os “papagaios do pirata”? São aqueles tipos que se atrelam às celebridades e aproveitam para se mostrarem por cima do ombro delas quando as câmaras começam a filmar. O José Saramago está neste momento a ser assediado por milhentos “papagaios de pirata”. É natural e é humano. Mas eu preferia não estar entre eles.

Em todo o caso, ainda bem que tive oportunidade de manifestar a gratidão que uma natural reserva, de parte a parte, provavelmente deixaria calada pela vida fora.

JOSÉ SARAMAGO/PRÉMIO NOBEL 98

A história e a parábola

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO

A

té que enfim! As expressões de júbilo e de alívio correm e cruzam-se entre uma margem e a outra do Atlântico, entre Portugal e o Brasil, investem as ilhas, Madeira,

Porto Santo, Açores, Cabo Verde, pedaços de uma mítica Atlântida que hoje fala português. Chegam até às costas de uma África agora independente, mas sempre lusófona, embora com variantes crioulas, desde Angola à Guiné Bissau e a S. Tomé e Príncipe. Depois, com um salto, tocam Moçambique no Oceano Índico e desembarcam naquelas zonas de uma Ásia que ainda conserva, num substrato de tradições linguísticas e culturais, a memória de uma antiga presença. E chegam até a comover a Galiza, região de uma Espanha hoje orgulhosa do seu plurilinguismo e na qual o galego é um parente muito próximo do falar de além-Minho. Um prémio para a língua portuguesa.

O português José Saramago ganhou o Nobel com pleno direito pessoal. Mas sarou também uma ferida que durava há quase um século. Nunca tinha sido atribuído o prémio da literatura a um autor deste bloco linguístico de mais de 200 milhões de habitantes, português, brasileiro ou africano que fosse. E, no entanto, este universo lusófono podia gabar-se das suas grandes tradições literárias tanto em Portugal como no Brasil e contava com uma nova impetuosa tradição de escritores africanos de expressão portuguesa. Há muito que esperávamos este momento. Tínhamo-lo esperado um dia para o velho rapsodo Jorge Amado e para os poetas de elite como João Cabral de Melo Neto. Mas, sobretudo, para um escritor como ele, José Saramago, no qual víamos, há anos, o candidato mais justo, mais autorizado, mais nosso: e por quem sofríamos nas esperas de cada ano, em Outubro, como quem aguarda com confiante angústia a chegada da sua mala no tapete rolante do aeroporto sem nunca a ver chegar. A desilusão agridoce do ano passado quando o nosso Dario Fo venceu por um fio o próprio José Saramago, tinha-nos deixado uma grande margem de esperança. A história do Nobel ensinara-nos pelo menos, como já nos tempos do prémio a Octávio Paz, a jogar com as probabilidades.

Apesar do seu corpo ágil e longilíneo de adolescente e do sorriso de quem, com 76 anos, pensa num futuro operoso e sereno ao lado de Pilar, a jovem mulher espanhola que o acompanhará a Estocolmo, mostrando ao mundo como pode ser belo um casal de intelectuais, Saramago na sua longa vida, teve, como todos, alegrias e desilusões. Sobretudo do seu país. Comunista militante, nunca faccioso, sempre crítico, nunca trãnsfuga, tivera que esperar pelo fim do salazarismo e pela revolução dos cravos de Abril de 1974 para poder aparecer com pleno direito na cena literária portuguesa e internacional. E fora imediatamente um sucesso, como de quem, na sombra da espera, tivesse afinado os seus instrumentos. Primeiramente viera a poesia, com os *Poemas possíveis* (1966) e *Provavelmente alegria* (1971) que, depois de tantos anos, revelam hoje toda a sua carga humana e profética: «Só direi, / Crispadamente reco-



O «discurso oral» de Saramago, aquelas suas páginas cheias de sinais, sem maiúsculas nem pontuação, era, de facto, capaz de repropor poeticamente, em som primeiro ainda que em palavras, uma história nacional e individual

lhido e mudo./ que quem se cala quanto me calei./ não poderá morrer sem dizer tudo». Depois apareceram as primeiras colectâneas de crónicas: *Deste mundo e do outro* (1971), *A bagagem do viajante* (1974), como provas de escrita que contivessem já em embrião todas as ideias da futura narrativa. Em seguida o teatro (a começar por *A noite*, 1979), que nos aparece hoje como a obra dum escritor «diverso», discursivo, referencial e polémico tal como a sua prosa de invenção é misteriosa, alusiva, poética.

A motivação do Nobel fala de um Saramago «que com parábolas sustentadas por imaginação, compaixão e ironia, continuamente nos permite captar uma realidade ilusória». E talvez seja esta a melhor etiqueta para uma obra que, apesar das reconstituições minuciosas dos ambientes dum época e dum ideologia (a Lisboa inquisitorial do início do século XVIII, a Lisboa das origens dividida ainda entre mouros e cristãos, os anos do franquismo e do seu contágio ao Portugal salazarista, a Palestina de uma Vida de Jesus vista pela parte do Homem), não aparecem nunca como meras revisitações do facto histórico, mas como sua parábola, como um pretexto para a interpretação de um hoje que filtra o passado com o afastamento comovido e irónico do depois.

O novo Saramago, um intelectual já maduro que vivia desde sempre em Lisboa, mas que fora do círculo dos amigos de trabalho e de

café poucos conheciam, irrompe de repente na cena literária portuguesa em 1980 com um romance singular que o coloca imediatamente em primeiro plano entre os narradores nacionais.

E é aquele Levantado do chão, no qual aparece pela primeira vez, numa saga camponesa de sabor à primeira vista ainda realista, a sua originalíssima cifra estilística. O «discurso oral» de Saramago, aquelas suas páginas cheias de sinais, sem maiúsculas nem pontuação, era, de facto, capaz de repropor poeticamente, em som primeiro ainda que em palavras, uma história nacional e individual: as vicissitudes de três gerações de camponeses do Alentejo que, através da luta de classes, levantando-se do chão, verticalizando-se à medida que se reconheciam homens, se tornavam protagonistas de uma história que até aí tinha sido apanágio dos seus patrões.

A fama internacional virá imediatamente a seguir, em 1984, com o *Memorial do Convento* que continua a ser ainda hoje a sua obra mais famosa e da qual ele partirá para uma viagem de escrita, para uma aventura narrativa que o tornará escritor já sem limitações regionais: um dos mais significativos narradores do nosso tempo. O *Memorial* conta a construção, nas primeiras décadas do século XVIII, do Mosteiro e da Igreja de Mafra, erigido com extraordinária magnificência nos arredores de Lisboa, por ordem

do monarca absoluto D. João V. Romance histórico na minuciosa descrição da sociedade portuguesa, cortesã e popular do início do século XVIII, na sumptuosidade barbárica dos autos de fé promovidos por uma Inquisição ainda imperante, torna-se romance social na evocação daquela massa de operários, assalariados rurais, canteiros, que tinham sido os construtores materiais do templo. Mas torna-se romance de realismo fantástico na invenção das personagens, primeira entre todas a de Blimunda, filha de marra-na, de olhos claros e um belo nome germânico que, não por acaso, um compositor como Azio Corghi vai escolher como protagonista da sua recriação musical do romance.

A partir desse momento, a inspiração de Saramago torna-se urgente. *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984) situa numa Lisboa tocada pela vizinha guerra de Espanha a permanência na cidade de um heterónimo de Fernando Pessoa que sobrevive um ano após a morte do poeta e é talvez a mais poética, comovida homenagem à memória daquele que é hoje considerado o maior poeta do Portugal moderno. E, assim como a *Jangada de pedra* (1987) representa a gostosa e polémica profissão de fê anti-europeísta do português Saramago, a *História do cerco de Lisboa* (1989) é uma sua alegre «correção» da história em nome da liberdade de interpretação.

Mas o Saramago mais próximo de nós e para nós mais universal é, sem dúvida, o último. Aquele que, com o sofrido e humaníssimo *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), suportou a incompreensão na pátria, escolhendo desde então a via do exílio em Lanzarote, nas Canárias. É também aquele de que, depois do voluntário afastamento de Portugal e da sua «realidade sonora», com a consequente imersão num universo de língua espanhola, todos temeramos uma redução da sensibilidade «auditiva»: indispensável, parecia-nos, para a criação daquela «literatura oral» que constituiria até aquele momento a matéria da sua criação poética.

Mas Saramago viu mais longe do que nós. E com as projecções brancas do seu romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995) primeiro, e depois com o «burocrático» *Todos os nomes* (1997), recentemente publicado também na tradução italiana, soube imergir-nos em atmosferas de pesadelo e de sonho que a praxe académica nos sugeriu definir kafkianas, mas que, no futuro, talvez sejam directamente ligadas a ele, à sua fantasia, à sua humanidade, à sua capacidade de «ver» mais além e naturalmente de «ouvir», naquela sua peculiaríssima recriação auditiva da realidade circunstante. Saramago gosta da Itália onde tem tantos amigos, onde as suas obras foram traduzidas mesmo antes que noutros países, onde lhe foram dados os primeiros doutoramentos «honoris causa» e onde lhe foram concedidos os primeiros prémios literários. E, para nós, este Prémio Nobel longamente anunciado e finalmente concedido, é como se fosse um prémio para um dos nossos.

Este texto da muito prestigiosa especialista de literaturas de Portugal e do Brasil, e professora da Universidade de Roma, foi publicado também em La Repubblica. A tradução para português é da dr^a Isabel Minervini.

JOSÉ SARAMAGO/PRÉMIO NOBEL 98

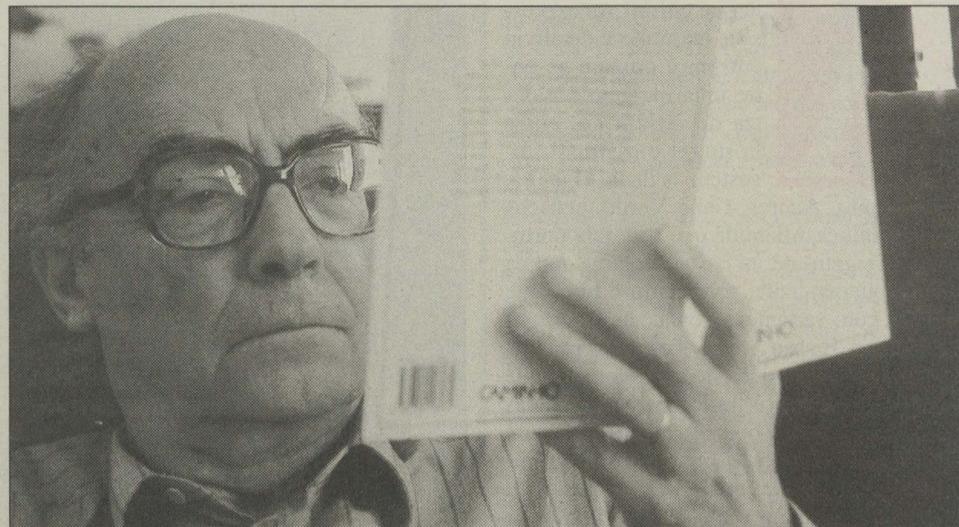
Inventar a escrita

GERMANO DE ALMEIDA*

Do jornalista José Saramago de há muito que ouvia falar mas só o conheci como escritor em 1983. Nessa época estávamos às voltas com o *Ponto & Virgula* de que tínhamos acabado de publicar o primeiro número. A ideia inicial tinha sido fazer da revista uma coisa literariamente original em Cabo Verde e era óbvio que a sua escrita, especialmente o editorial, deveria reflectir essa inovação. Encarreguei-me de o escrever, mas três ou quatro tentativas resultaram falhadas, não mereceram a concordância dos outros directores. Pelos fins acabei ficando farto daquilo e então juntei pedaços dos editoriais rejeitados, mais bocados das nossas discussões e fiz uma coisa que não respeitava as regras da pontuação e disse-lhes, se não é isso então não sei fazer melhor! Era! Finalmente concordámos por unanimidade à primeira votação. Dito muito francamente, pensava que tinha inventado uma forma de escrever. Até que poucos dias depois a Leonor, uma amiga portuguesa que na altura vivia na Praia, sem qualquer explicação, mas certamente por causa do editorial, me mandou o *Memorial do Convento*

que teria saído há um anos atrás. Nunca tinha lido nada do Saramago, ainda os autores portugueses estavam com a fama de chatos, de modo que abri o livro com muito pouca convicção. Mas logo me encantou a aparatosa preparação de Dom João Quinto para a justa tarefa de bem empenhar Sua Majestade a Rainha e pouco depois já sorria com gosto, sobretudo desse esforço do autor em contar uma estória como se o humor não existisse na paródia das situações que cria e o riso existisse apenas na entonação das palavras na sua voz escrita. E também havia que essa forma de escrever sem ponto final parágrafo hífen, travessão, já estava inventada, não corríamos o risco de sermos acusados de iconoclastas. Era um descanso.

Tempos depois vi Saramago em Cabo Verde, Mindelo. Tinha vindo a convite do Centro Cultural Português e fez uma palestra, suponho que sobre a sua obra, porque lembro-me que me chamou a atenção e me impressionou encontrar uma pessoa de tão bom humor, tanto no falar como no escrever, e que no entanto não ria, parecia não saber como se deve fazer para se rir. Dessa palestra retive a estória que ele contou de alguém que lhe tinha telefonado a lamentar muito pesaroso não estar a conse-



ACADEMIA BRASILEIRA SAUDA SARAMAGO

Consagração da língua

«A merecida vitória de José Saramago representa uma consagração para a língua portuguesa. Não se compreendia o silêncio de tantos anos da Academia Sueca, quando se sabe que a nossa comunidade, hoje de 210 milhões de pessoas, utiliza esse idioma, de inigualável beleza, com extraordinária propriedade.

José Saramago, com a subtilidade e os recursos da sua obra de romancista e ensaísta, é um expoente da nossa literatura. Desde *Memorial do Convento*, passando pelo incomparável *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago cantou Portugal e seus mitos, sem deixar de escrever uma obra de características universais.

Os brasileiros, que o têm como irmão, rejubilam-se com o seu êxito. A história, sempre mais rápida que o pensamento, como ele costuma afirmar, fez-lhe a devida justiça. Vibrámos com essa história, que tem do doce sabor da lusofonia.»

Amaldo Niskier

Presidente da Academia Brasileira de Letras

CONGRESSO INTERNACIONAL

VASCO DA GAMA

HOMENS, VIAGENS E CULTURAS

Auditório da Torre do Tombo
4 a 7 de Novembro

Alameda da Universidade
1600 Lisboa

Com sessão simultânea no
Auditório da Biblioteca Nacional
a 5 de Novembro

INFORMAÇÕES

a/c Isabel Gentil
ou Maria João Rivotti
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros
tel 881 09 00
fax 887 33 80
e-mail congressos@cncdp.pt

COMEMORAÇÕES DOS
DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES



Entrada Livre

guir penetrar nos seus livros. Experimenta lê-los em voz alta, disse que sugeriu à pessoa.

Rimos todos dessa observação mas lembro-me de a ter achado muito sábia. É que mesmo escritas, as estórias são contadas, a gente as ouve e então a melhor forma de as entender forçosamente deve ser lendo-as em voz alta.

Depois de *O Memorial do Convento* veio *O Ano da Morte de Ricardo Reis* e depois *A Jangada de Pedra* e depois *A História do Cerco de Lisboa* e depois *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e depois a decisão de deixar Portugal por protesto contra a Inquisição no poder que lhe censurava um livro. Essa não a entendi e a minha admiração que tinha vindo a crescer sofreu um baque considerável. É que sempre me fez confusão ver os intelectuais usarem o seu dever de atacar os governos e ao mesmo tempo quere-rem o direito de serem apaparcados com palmadinhas nas costas. Já menino na Boa Vista tinha aprendido que quem não quer a pátria não quer a bandeira e por isso sempre pensei que o que serenamente devem esperar são socos, pontapés e caneladas, e vá-se com sorte que a excomunhão já não é o que foi na Idade Média.

De modo que hoje que ele é prémio Nobel, com muito orgulho para todos os que falam português e acreditam nos amanhãs que cantam, tenho de confessar que não gostei dessa atitude, achei-a indigna de alguém que tinha

escrito *Levantado do Chão* porque afinal das contas é preciso calcular o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico. E acreditei mesmo que o menor rigor que detectei nos *Cadernos de Lanzerote* reflectiam essa de decisão infeliz, porque o que esperava dele era, se não uma gargalhada, pelo menos um texto jocoso.

De há muito andava à espera de o encontrar para lhe dizer que o admirava, mas quando um dia nos cruzámos no átrio da SPA tinha acabado de me passar pelas mãos os *Cadernos de Lanzerote* e estava demasiado irritado com ele para lhe falar. Porém, no ano passado em Frankfurt ele dirigiu-se a mim para saber da minha saúde e foi um homem simples, de olhar doce e bom que me falou e fiquei contente e comeci a pensar que se calhar os *Cadernos de Lanzerote* são ainda a forma simples como um homem simples se expressa porque não é impunemente que se conquista um nome de saramago.

De modo que nunca antes eu tinha ficado tão duplamente feliz de um prémio Nobel, porque afinal das contas «se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente».

*Escritor

JOSÉ SARAMAGO/NOBEL 98

Um reencontro com o Evangelho

FREI BENTO DOMINGUES*

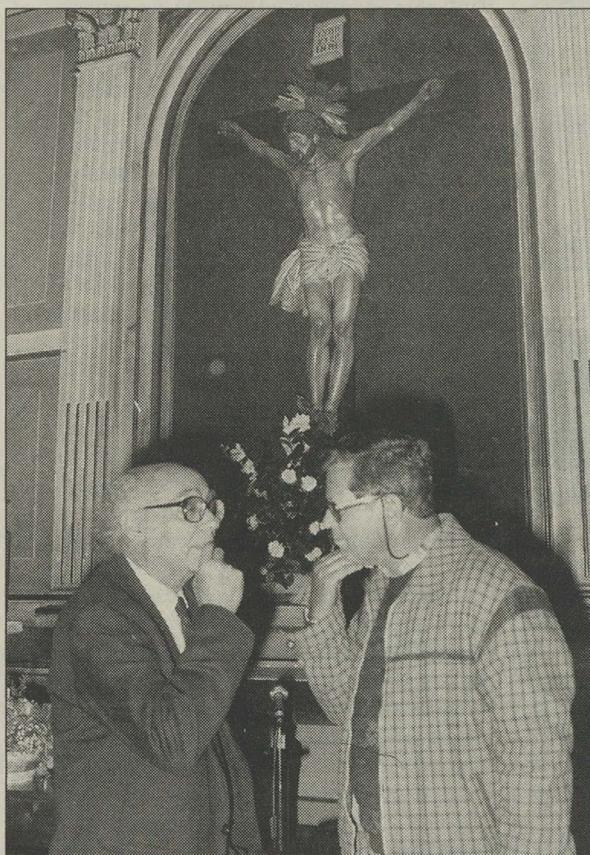
Fiquei muitíssimo contente, não só porque o Prémio Nobel chama a atenção sobre a cultura portuguesa, que tem vindo nos últimos anos a ter algum incremento, mas também por Saramago — a quem envio um grande abraço. Uma das pessoas que mais tem contribuído para esse incremento é José Saramago com a sua obra. É a obra que tem vindo a ser mais conhecida no estrangeiro. Ele chama a atenção para a literatura portuguesa, mas ele foi o mais eficaz nisso. Apesar de realçar uma literatura, penso que é a construção de José Saramago, e não sobretudo uma literatura, que está em causa.

Isto não tem a ver com uma valorização face aos outros escritores, não é uma análise comparativa. É uma obra admirável. O ritmo de escrita e a capacidade de efabulação. A abordagem aos grandes problemas mundiais, às questões da alma humana, e da vida em sociedade. Não é só a arte pela arte, apesar de se tratar de um exercício estético. Problematisa questões essenciais.

Da obra do escritor tocou-me profundamente *O Memorial do Convento*. Gostei também muito de *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, e do *Ensaio Sobre a Cegueira*. O que eu gosto no José Saramago é a arte que ele tem de escrever.

Quando ao *Evangelho Segundo Jesus Cristo* muitas pessoas viram nele uma falsificação do Evangelho. Em primeiro lugar é uma obra literária e é a sua densidade estética que deve ser analisada.

Aparentemente, parece um atentado aos textos



JOSÉ SARAMAGO COM FREI BENTO DOMINGUES, EM 1991

do Novo Testamento. Vendo as coisas mais profundamente, se o Novo Testamento é uma denúncia de uma representação de Deus e do sagrado, como sendo aquilo que exige das pessoas tudo, talvez haja uma outra leitura. Entendo o Novo Testamento como dedicado a sub-

verter o poder e fazer dele serviço. O próprio Jesus diz que é o Homem para a Religião e não a Religião para o Homem. A experiência de Jesus foi de amor e não de violência. Jesus passou a vida «a levantar gente do chão». Quando Saramago denuncia Deus como vontade de poder sem limites, sem olhar a meios, eu diria que isso é indirectamente uma homenagem. O Deus do Evangelho é um Deus de ternura e compaixão. A Igreja deveria ser para testemunhar esse amor.

Parece-me que, ao subverter o Evangelho, Saramago talvez não tenha sido nada blasfemo, acabou por reencontrar o espírito do Evangelho. Sobre o ponto de vista estético é um grande livro. É um anti-evangelho de Jesus Cristo, se bem que vá ao encontro do Evangelho porque é também uma denúncia do poder em nome de Cristo.

Relativamente à reacção do jornal do Vaticano acho que foi dada excessiva importância às suas palavras. Aquele é um órgão do Vaticano, mas não da Igreja. Saramago disse que a Igreja deveria falar a uma só voz. Eu quero que a Igreja seja cada vez mais plural, e que tenha várias vozes. Acho que se o jornal queria tratar esta obra era fazendo uma análise literária, e não ideológica.

O jornal comete o erro básico de não apreciar uma obra literária e de escorregar para a crítica àquilo que uma pessoa tem todo o direito de ser — ser comunista. É uma reacção risível.

*Dominicano. Depoimento oral

Dignidade extrema

JOSÉ MANUEL MENDES*

As palavras ficaram um momento interrompidas, como que à espera da eloquência e da fundura do que não sabem, não saberão nunca exprimir. Foi com a emoção do silêncio

que acolhi a notícia, a sua iluminação, seu profundo acontecer. Depois, mal inventara as primeiras rosas para o José, desataram-me a língua, ainda na véspera de uma qualquer ordenação do discurso, e comecei a falar. Como esquecer a voz que, no intervalo de uma aula na Universidade, me trouxe o instante esperado, o jorro para sempre indefinível? Instante, sim. Que o digam alguns do que me estão próximos. Deitara-me, na noite anterior, com a evidência de uma premonição adversa ao sonho que se constrange, ao Portugal pequenino comprazendo-se na lamúria e na invidía. E como es-

quecer aquela outra voz, inidentificada ainda, que, de si tão descontida, me procurou para uma das estações de televisão, seria talvez meio-dia? O certo é que nada continuou como estava, o mundo era já diverso e, de súbito, entre os incontáveis rostos de quem celebrava o triunfo, eu era apenas uma sínodoque da euforia.

A Academia de Estocolmo acabava, afinal, distinguindo um autor como Saramago e os livros que nos vem doando, por prestigiar-se a si mesma, assumir a decisão incontornável, realizar a escolha que faltava. Desolando, é facto, umas quantas Inquisições — as que pronunciaram já, alto e bom som, as que cochicham pelos mil fios da mesquinhez fazendo-se baba ou teia, as que, em determinados círculos, torciam o nariz aos méritos de uma bibliografia irrigada, como raras, por um destino e renovo, solidez, fulgurância, singula-

ridade. Este Nobel pode ser apropriado, sem mácula, por milhões de leitores que, nas sete partidas, o aguardavam. Pode ser apetecível para vários poderes que o não advogaram. Vale lembrar, por exemplo e contraste, que a APE apresentou, desde 1992, a candidatura do grande escritor ao Prémio de maior expressão universal. Pode ser. Mas celebra, acima de tudo, uma obra inconfundível no contexto das literaturas do nosso tempo. O humanismo, a inconformação, o génio que ela transporta. A coerência, o trabalho à margem do cálculo ou das leis do mercado... E a dignidade extrema, deixem-me pensá-lo, de um homem que, para orgulho de (quase) todos nós, nasceu um dia na Azinhaga do Ribatejo — nome de uma pátria a que, afinal, pertencíamos e só agora conhecemos.

*Presidente da Associação Portuguesa de Escritores

Anti-vedeta

Algumas pessoas saberão, e creio que José Saramago não o ignora, que o meu favorito ao Nobel, por razões que se prendem com as afinidades que caracterizam as famílias literárias, é António Lobo Antunes. E vale a pena dizer que continuo a desejar, ao autor de *O Esplendor de Portugal*, por que não, o prémio que, à semelhança do que aconteceu com a Espanha e a Grécia, pode ser atribuído, várias vezes, e com pequenos intervalos, a nacionais de um mesmo país. Em suma, a alegria de ver galardoado José Saramago, e foi sincero e profundo o meu júbilo, só pode equiparar-se à tristeza de verificar que, por enquanto, não recebeu António Lobo Antunes aquilo que tanto merece. E quero declarar, muito vincadamente, que não foi, tão só, a estatura da escrita de Saramago, com quem tive o gosto de jantar, em Frankfurt, na véspera do grande dia, que se tornou uma evidência. Foi também, e é essencial registá-lo, a sua inigualável e exemplar dignidade moral e cívica. Ele soube relativizar a glória deste Mundo, porque não existe absoluto ao alcance do homem, e assumiu a modéstia verdadeira, e sem untuosidade, que constitui o dom dos mais distintos eleitos. Num contexto indescrevível, em que muitos se animalizaram, a ponto de quase caírem a quatro e desataram a zurrar, José Saramago constituiu a anti-vedeta por excelência, e o padrão pelo qual devem ser aferidas as qualidades invulgares. Por tudo isto, daqui lhe mando o caloroso e amplo abraço, mais a rosa vermelha, que eu tinha na mão, e que os bárbaros do Norte, tropeçando uns nos outros, não permitiram que lhe entregasse.

MÁRIO CLÁUDIO



ALCALÁ

LIVRARIA ESPANHOLA

Literatura Espanhola clássica e actual

- História • Filosofia • Psicologia
- Pedagogia • Antropologia • Literatura hispano-americana • Livros escolares
- Linguística • Dicionários • Direito
- Cinema • Artes Plásticas • Revistas
- Livros por encomenda

• Lisboa — Rua Serpa Pinto, n.º 1-A — 1200 Lisboa
Tel. 343 09 10 — Fax 343 09 11

• Lisboa — Rua da Madalena, n.º 56/58
1100 Lisboa — Tel. 886 14 11

• Porto — Rua Santos Pousada, 759 — 4000 Porto
Tel. (02) 510 22 46 Fax (02) 510 50 39

• Cascais — Rua Visconde da Luz, n.º 41-A,
2750 Cascais — Tel. 486 78 27

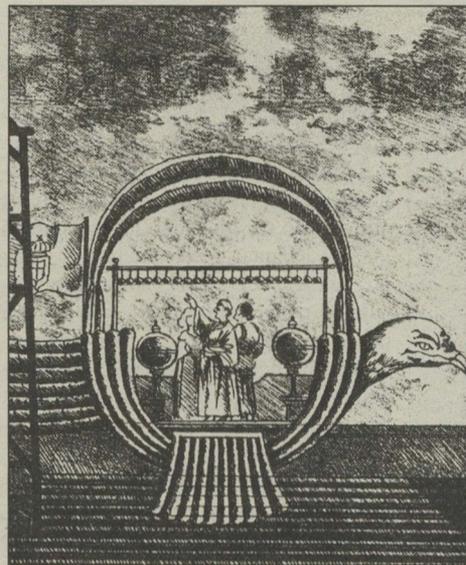
JOSÉ SARAMAGO/PRÉMIO NOBEL 98

PARA QUANDO PRODUÇÕES PORTUGUESAS?

Blimunda e Divara

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Não são muito frequentes, desde a cristalização do género ópera, as situações de colaboração directa entre o compositor e um autor literário seu contemporâneo - situações como as que deram origem a Blimunda e Divara, água e sangue. Azio Corghi leu a tradução italiana do Memorial do Convento e pensou imediatamente numa ópera. Dirigiu-se a José Saramago, que não conhecia pessoalmente, e obteve não só a anuência, mas também a própria colaboração do romancista para a adaptação do texto. O resultado foi um libreto que bem pode ser considerado um marco no teatro musical deste século. Se já no romance - como tenho referido - a técnica de trabalhar o narrador heterodiegético significava uma recuperação da estrutura épica das narrativas barrocas, aquilo que se recupera na adaptação do libreto (por Saramago e pelo compositor) é o mais épico de todos os géneros músico-dramáticos da mesma época: o da Paixão. Domenico Scarlatti assume aí o papel do Evangelista, que narra as estações da Pai-



DESENHO DE MICHEL LEBOS, REPRESENTANDO A PASSAROLA

xão até ao auto-de-fé onde é queimado, na presença de Blimunda, o operário maneta, Baltasar Sete Sóis, empregado nos trabalhos

de construção do Convento e colaborador secreto de Gusmão na empresa da máquina voadora. Assim, partindo embora quase textualmente, da tradução italiana do romance, deixando intactas as palavras de Saramago e conferindo-lhes o peso de palavras cénicas cheias de sedução literária (aproximação ao género da «ópera literária», que tem na Salomé de Richard Strauss, sobre a peça de Óscar Wilde, o seu melhor exemplo), o libreto desenvolve-se ao mesmo tempo segundo três planos simultâneos - os chamados «espaço real», «espaço acústico» e «espaço imaginário» - cuja invenção e articulação não é possível senão sob a perspectiva de um pensamento musical (aproximação à tradição libretística).

É a síntese de ambas as componentes que permite à partitura de Corghi reproduzir no palco cénico a atmosfera barroca da narrativa de Saramago e o seu carácter de narrativa exemplar. Não cabe aqui entrar em pormenores quanto às componentes musicais, mas importa acentuar a lógica de montagem (discurso não linear) pressuposta na fragmentação em três complexos sonoros com características bem diferenciadas (em correspondência com o libreto) e a paleta de recursos expressivos utilizados, a qual - por exemplo, na parte vocal, momento particularmente sensível da relação de palavra e som - percorre a bem dizer todas as gradações: desde a palavra falada ou declamada ao bel canto italiano e desde a limpidez e linearidade da elocução à exploração tímbrica de constelações fonéticas, que assim se tornam ininteligíveis enquanto texto e criam mundos sonoros oníricos (a cargo do octeto vocal). Vi a produção de Milão, na encenação de Savary, e a de Lisboa, que a retomava - e a memória que conservo da obra e dessas realizações não deixou

ainda esmorecer o fascínio que exerceram em mim. Divara, encomenda da Ópera de Múnter, por ocasião das comemorações do 1200.º aniversário da cidade e do 500.º aniversário da rebelião dos Anabatistas, resultou directamente de um projecto comum do compositor e do escritor, suscitado na presença do maestro Will Humburg e da directora da Ricordi, Mimma Guastoni. Saramago escreveu um texto dramático autónomo (In Nomine Dei), que foi publicado como peça de teatro e posteriormente utilizado na ópera, com pequenas

modificações. Corghi trabalhou sobre uma tradução italiana do texto. Já depois de completada a partitura, Andrea Molino, Alexander Scherer e Carsten Wilke elaboraram uma versão alemã do libreto, que foi a utilizada na estreia da obra na Ópera de Múnter e se encontra agora disponível num duplo CD (etiqueta Marco Polo - Opera Classics, 8.223706-7). Tive ocasião de estudar a partitura e de ver o espectáculo em Múnter, na magnífica encenação de Dietrich Hilsdorf (com a direcção musical de Humburg). Considero a obra um dos momentos mais fortes do teatro musical contemporâneo - onde, mais uma vez, a concepção tradicional do espaço cénico é subvertida e a tensão entre empatia e efeito de estranheza suscita um espectador activo, tão envolvido quanto crítico relativamente à acção músico-teatral representada à sua volta. É lamentável que o conceito de ópera ainda vigente em Portugal - um conceito em que é suposto a ópera olhar, a peso de ouro, para o seu próprio umbigo - tenha impedido, até agora, o público português de

experienciar todo o enorme potencial comunicativo destas obras, o que só será possível no dia em que elas forem dadas a conhecer entre nós na língua de Saramago, na língua da literatura que foi distinguida com o Nobel de 98.

Se preconceitos de gosto, ideológicos ou outros impediram uma das coisas mais óbvias para o programa musical português da Feira de Frankfurt 97 - que era o de suscitar, nessa ocasião, um Gastspiel da produção de Múnter da Divara na Ópera de Frankfurt - ou levaram a preterir esta ópera e esta produção relativamente a tantas outras que nada tinham a ver com Portugal, durante o chamado Festival dos Cem Dias e a Expo-98, confesso que não sei que justificação se dará agora para

não começar já a trabalhar numa versão portuguesa a ser posta em cena brevemente, ou no São Carlos, ou no São João. Seria caricato, que numa obra com libreto de Saramago, representada em Portugal, fôssemos nós (e não os estrangeiros), a ter que usar o sistema de legendas electrónicas para perceber a acção - um sistema que destrói a comunicação teatral, de importância decisiva, especialmente numa ópera deste tipo. Além disso - diz-se, mas na ópera acha-se que não - a nossa pátria é a língua portuguesa.



FIGURINO DE JACQUES SCHMIDT PARA BLIMUNDA

NOVIDADES

Uma abordagem esclarecedora do crescimento e do desenvolvimento cognitivo infantil a partir da experiência prática.

Rosemary Peterson
Victoria Felton-Collins

**MANUAL DE PIAGET
PARA PROFESSORES
E PAIS** CRIANÇAS NA IDADE
DA DESCOBERTA

A FASE PRÉ-ESCOLAR
ATE AO 3.º ANO



Preço: 1800\$00 Acrescido de 5% de IVA

PEÇA INFORMAÇÕES
E CATÁLOGOS PARA:
INSTITUTO PIAGET
DIVISÃO EDITORIAL

Largo da Madre Deus, 9 - 1900-311 Lisboa
Telfs.: 862 05 00 - Fax: 868 82 77
www.ipiaget.pt
E-mail: piaget.editora@mail.telepac.pt



INSTITUTO
PIAGET

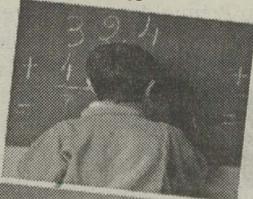
DIVISÃO EDITORIAL

O insucesso escolar
não é uma fatalidade.
Pistas para construir
uma escola diferente.

Hubert Montagner

**ACABAR COM
O INSUCESSO
NA ESCOLA**

A CRIANÇA,
AS SUAS COMPETÊNCIAS
E OS SEUS RITMOS



À VENDA
NAS LIVRARIAS
EM TODO O PAÍS

Preço: 3400\$00 Acrescido de 5% de IVA

JOSE SARAMAGO/NOBEL 98

Histórias de não galardoados

Quem diria que o Prémio Nobel da Literatura já esteve para ser atribuído a um escritor de língua portuguesa? O galardoado teria sido Jorge de Lima, um poeta brasileiro nascido em 1893, com uma poesia que vai do modernismo descritivo, de cunho regional, ao abstraccionismo, passando pela poesia negra e pela religiosa. Estamos no pós II Guerra Mundial. Em 1947, ou talvez em 1948. Artur Lunkvist, um membro da Real Academia Sueca da Língua, que conhecia bem o português, é convidado por uma Companhia de Navegação Sueca para ir à Índia. Lunkvist encontrou aqui a oportunidade de conhecer o autor da poesia pela qual estava apaixonado. Entusiasmado, de imediato perguntou: «O navio passa no Rio de Janeiro?». De Jorge de Lima apenas tinha a morada do escritório e a informação de que ficaria na zona dos cinemas. De manhã cedo, o navio atracou junto da Praça Mahua. Percorre, a pé, a Rio Branco e no final da avenida... A zona dos cinemas e o escritório de Jorge de Lima! Mais tarde, contaria a António Olinto, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras: «Ali estava um homem para ganhar o Nobel!»

De volta a Estocolmo, Artur Lunkvist entusiasma a Real Academia Sueca. E, como relatou a António Olinto, a atribuição ficaria planeada para 1958. Só aí seria possível porque havia que compensar os anos da guerra, nos quais não tinha havido atribuições do prémio. «Havia que dar o prémio a Faulkner, a Churchill...» — contou ao JL António Olinto. A 16 de Novembro de 1953, morre Jorge de Lima. E o Nobel da Literatura de 1958 é atribuído a Boris Pasternak. Porque, afinal de contas, a excepção de uma atribuição póstuma já tinha sido gasta, em 1931, com o escritor sueco Erik Axel Karlfeldt que, em 1918, o havia recusado.

UMA CANDIDATURA SOBRE O ATLÂNTICO

António Olinto haveria de ser também protagonista de outra história da língua portuguesa em busca do maior prémio de Literatura. No final da década de 60, Olinto, então professor de Língua e Literatura Portuguesa, na Universidade de Colombia, nos Estados Unidos, participou num documento propondo a candidatura conjunta do português Ferreira de Castro e do brasileiro Jorge Amado. «Pensávamos num prémio *ex aequo*, pois a Academia, em 1966,

tinha-o atribuído ao israelita Shmuel Yosef Agnon e ao sueco Nelly Sachs», explicou Olinto.

No início da década de 60, outras nomeações começaram a surgir. E, pela primeira vez, candidaturas isoladas. Aquilino Ribeiro, tinha publicado, em 1959, *Quando os Lobos Uivam*, e nos anos seguintes a Sociedade Portuguesa de Escritores propõe a sua candidatura. Também Miguel Torga foi proposto por professores e universidades portuguesas e italianas. Os jornais de 1985 tornam a falar na sua candidatura, apoiada pelos escritores cabo-verdianos.

O autor de *Os Bichos*, tal como Jorge Amado, e Carlos Drummond de Andrade, continuaria a ser falado para o Nobel. Em 1982, «O Jornal» noticiava: «Nem Drummond, nem Torga, nem Borges, nem Graham Greene: o Prémio Nobel da Literatura de 1982 é o colombiano Gabriel García Márquez».

Já na década de 90, no Brasil, falar-se-ia em João Cabral de Melo Neto e, em Portugal, em Vergílio Ferreira e Fernando Namora, na altura o escritor português mais traduzido.

Em 1991, a instituição francesa Actes du Sud propõe António Ramos Rosa e o JL anuncia que o poeta é o «favorito» entre os escritores portugueses. Na verdade, Ramos Rosa havia ganho o prémio da Bienal Internacional de

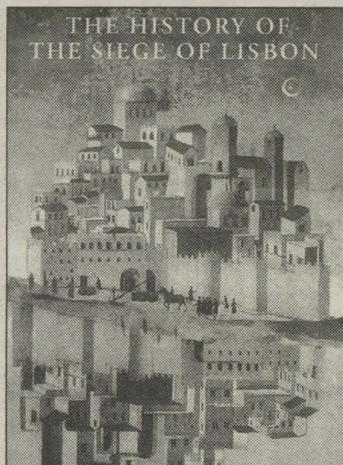
Liège e os «nobilizados» Octavio Paz (1990) e Salvatores Quasimodo (1959) também.

Em primeira mão, o JL noticiava ainda que sete membros da Real Academia Sueca tinham estado na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, para avaliar das hipóteses de um Nobel português. Nesse encontro, com dirigentes do Pen Clube Português, falou-se também em José Saramago, Vergílio Ferreira, Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís, Ramos Rosa, Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner e Herberto Helder.

Nos últimos anos, as atenções concentraram-se em António Lobo Antunes e José Saramago — os nomes mais falados pela imprensa estrangeira. Cada vez mais traduzidos, inclusive na Suécia, cada vez com maior projecção internacional, os dois escritores portugueses, nas vésperas da divulgação do Nobel de 1997, apareciam nos jornais suecos. Recensões bastante positivas das últimas obras, uma longa entrevista com Saramago, manchetes que afirmavam que esse ano seria galardoado um português. Não o foi no ano passado, mas sim no dia 8 de Outubro de 1998, às 12 horas.

S.B.L.

TRADUÇÕES



Memorial do Convento — Alemanha, Argentina, Brasil, Bulgária, China, Colômbia, Dinamarca, Espanha (castelhano e catalão), Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Noruega, Polónia, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia, República Federal da Jugoslávia (servo-croata), República Checa e República Eslovaca. Total: 29

Levantado do Chão — Alemanha, Brasil, Cuba, Bulgária, República Checa, República Eslovaca, Colômbia, Dinamarca, Espanha (castelhano e catalão), Estados Unidos, Finlândia, França, Grã-

Bretanha, Grécia, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Noruega, Países Baixos, Polónia, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça e Turquia. Total: 27

Evangelho Segundo Jesus Cristo — Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Grã-Bretanha, Israel, Itália, Noruega, Países Baixos, Polónia, Suécia, França, Grécia e Holanda. Total: 16

História do Cerco de Lisboa —

Alemanha, Argentina, Brasil, Colômbia, Dinamarca, Espanha (cas-



telhano e catalão), Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, França, México, Noruega, Roménia e Suécia. Total: 16

A Jangada de Pedra — Alemanha, Brasil, Dinamarca, Espanha (castelhano e catalão), Estados Unidos, França, Finlândia, Grã-Bretanha, Hungria, Israel, Itália, Noruega e Roménia. Total: 13

O Ano da Morte de Ricardo Reis — Alemanha, Brasil, Dinamarca, Espanha (castelhano e catalão), Estados Unidos, França, Grã-Breta-

nha, Grécia, Hungria, Itália e Israel e Noruega. Total: 12

Ensaio sobre a Cegueira — Alemanha, Brasil, Espanha (castelhano), Findanlês, França, Hungria, Itália, Noruega, Suécia e Grã-Bretanha. Total: 10

Objecto Quase — Alemanha, Espanha (castelhano), França e Itália. Total: 4

Manual de Pintura e Caligrafia — Alemanha, Espanha (castelhano), Grã-Bretanha e Itália. Total: 4

A Bagagem do Viajante — Espanha (castelhano), Itália e México. Total: 3

Viagem a Portugal — Espanha (castelhano), Brasil e Grã-Bretanha. Total: 3

In Nomine Dei — Brasil, Itália e Espanha (castelhano). Total: 3

O Ano de 1993 — Espanha (castelhano) e Itália. Total: 2

A Noite — Espanha (castelhano e valenciano) e Itália. Total: 2

A Segunda Vida de Francisco de

Assis — Itália. Total: 1

Deste Mundo e do Outro — Espanha (castelhano). Total: 1

Que Farei com Este Livro? — Itália. Total: 1

Cadernos de Lanzarote I, II e III — Espanha (castelhano). Total: 1

OS MAIS VENDIDOS E EDITADOS EM PORTUGAL

Memorial do Convento — 281 mil exemplares, 18 edições

O Evangelho segundo Jesus Cristo — 181.900 mil exemplares, 21 edições

A Jangada de Pedra — 91.500 mil exemplares, sete edições

Viagem a Portugal — 76.000 mil exemplares, 19 edições

O Ano da Morte de Ricardo Reis — 70 mil exemplares, 11 edições

Ensaio sobre a Cegueira — 68.500 exemplares, duas edições

História do Cerco de Lisboa — 59 mil exemplares, três edições

Levantado do Chão — 48 mil exemplares, 11 edições

Todos os Nomes — 40 mil exemplares, uma edição

Cadernos de Lanzarote I — 30 mil exemplares, uma edição